

ANGÚSTIA E VIDAS SECAS: DO DESESPERO INDIVIDUAL À ARIDEZ COLETIVA

Angústia and Vidas Secas: from Individual Despair to Collective Aridity

Angústia y Vidas Secas: de la desesperación individual a la aridez colectiva

Suzely Ferreira da Silva¹  

Edson Flávio Santos²  

Samara Cristina Lopes Rodrigues³  

Recebido: 03-02-2024

Aprovado: 24-06-2024

Resumo: Nesta análise, discorreremos sobre as obras *Angústia* (1976) e *Vidas Secas* (2005) de Graciliano Ramos, de forma a explorar a interconexão entre o desespero individual e a aridez coletiva. A análise destaca as complexidades psicológicas dos personagens e sua luta existencial em *Angústia*, em contraste com a representação da seca impiedosa e das condições sociais adversas em *Vidas Secas*. Ao desdobrar esses elementos, este estudo busca compreender como a narrativa literária de Ramos reflete e comenta as tensões individuais e coletivas na sociedade brasileira do período. Os resultados desta pesquisa propõem uma abordagem crítica, em contexto com as obras dentro do cenário histórico e social, e buscam oferecer insights sobre a contribuição de Graciliano Ramos para a compreensão da condição humana em meio às adversidades.

Palavras-chave: Condição Social, Desumanização, Resistência.

Abstract: In this analysis, we will delve into the works *Angústia* (1976) and *Vidas Secas* (2005) by Graciliano Ramos, exploring the interconnection between individual despair and collective aridity. The analysis emphasizes the psychological complexities of the characters and their existential struggle in *Angústia*, contrasting them with the portrayal of ruthless drought and adverse social conditions in *Vidas Secas*. Unfolding these elements, this study seeks to comprehend how Ramos's literary narrative reflects and comments on the individual

¹ Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da UNEMAT. E-mail: suzely.silva@unemat.br

² Mestre (2011) e doutor (2018) em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. É docente credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL/Campus de Tangará da Serra. E-mail: edsonflaviomt@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. E-mail: samara.rodrigues@unemat.br

and collective tensions in Brazilian society during the period. The results of this research propose a critical approach, contextualizing the works within the historical and social landscape, aiming to provide insights into Graciliano Ramos's contribution to understanding the human condition amidst adversities.

Keywords: Social Condition, Dehumanization, Resistance.

Resumen: En este análisis, discutiremos las obras *Angústia* (1976) y *Vidas Secas* (2005) de Graciliano Ramos, con el fin de explorar la interconexión entre la desesperación individual y la aridez colectiva. El análisis resalta las complejidades psicológicas de los personajes y su lucha existencial en *Angústia*, en contraste con la representación de la sequía despiadada y las condiciones sociales adversas en *Vidas Secas*. Al desplegar estos elementos, este estudio busca comprender cómo la narrativa literaria de Ramos refleja y comenta las tensiones individuales y colectivas en la sociedad brasileña de la época. Los resultados de esta investigación proponen un enfoque crítico, en contexto con las obras dentro del escenario histórico y social, y buscan ofrecer reflexiones sobre la contribución de Graciliano Ramos a la comprensión de la condición humana en medio de la adversidad.

Palabras clave: Condición Social, Deshumanización, Resistencia.

1 Introdução

Graciliano Ramos é reconhecido como um dos proeminentes escritores na história da literatura brasileira, o qual deixou um legado de obras notáveis ao longo de sua vida. Entre elas estão *São Bernardo*, *Caetés* e, em destaque nesta análise, *Angústia* e *Vidas Secas*. Nasceu em 27 de outubro de 1892, no estado de Alagoas, e veio a falecer em 20 de março de 1953, na cidade do Rio de Janeiro.

No vasto universo da literatura brasileira, poucas obras conseguem transmitir com tanta intensidade a complexidade da existência humana quanto *Angústia* e *Vidas Secas*, ambas magistralmente concebidas por Graciliano Ramos. Estas duas joias literárias se destacam não apenas pela maestria estilística de Ramos, mas também pela sua habilidade singular em capturar as dimensões mais profundas e sombrias da alma humana.

Angústia, obra que catapultou Graciliano Ramos para o panteão dos grandes escritores brasileiros, desvela um mergulho intrépido no labirinto psicológico de Luís da Silva, protagonista que transita pelas vielas da angústia e desespero individual. Cada página

é uma jornada tumultuosa pelos recônditos de uma mente atormentada, em que representa um microcosmo das angústias que ecoam na sociedade.

Por outro lado, *Vidas Secas* emerge como um retrato impiedoso da aridez coletiva, onde a seca do sertão nordestino não é apenas um fenômeno climático, mas um espelho da desumanização que permeia as vidas dos personagens. As páginas deste romance árido não apenas narram a trajetória da família de retirantes, mas também arquitetam uma crítica contundente às condições sociais adversas da época.

Ao unir essas duas obras notáveis sob o título *Angústia e Vidas Secas* de Graciliano Ramos, este artigo se propõe a não apenas analisar, mas também a desdobrar as camadas intrincadas dessas narrativas. Pretende-se compreender não apenas as angústias individuais dos personagens, mas também a aridez que transcende as páginas, pois abarca toda uma coletividade.

Ao contextualizar essas obras no cenário histórico e social, visamos oferecer uma leitura mais abrangente e profunda dessas narrativas. Este estudo não é apenas uma incursão literária; é um convite para uma imersão nas profundezas da experiência humana, onde o desespero individual entrelaça-se com a aridez coletiva, de forma a revelar o impacto duradouro e a relevância atemporal do legado literário de Graciliano Ramos.

2 Construções Narrativas em *Vidas Secas* e *Angústias*

Graciliano Ramos, um dos grandes expoentes da literatura brasileira do século XX, legou obras de impacto notável, entre elas *Angústia* e *Vidas Secas*, cujas narrativas demonstram sua genialidade singular na construção de enredos profundos e marcantes. A narrativa profunda e introspectiva de ambas as obras mergulha nas profundezas da experiência humana diante da iminência da perda.

Em *Angústia*, a narrativa em primeira pessoa abre uma janela para os pensamentos e emoções de Luís, permitindo aos leitores uma conexão íntima, embora desconfortável, com sua angústia palpável. O autor habilmente explora a inevitabilidade da perda, seja ela de identidade, moralidade ou sanidade, através de uma prosa precisa e penetrante. Por outro

lado, *Vidas Secas* é narrado em terceira pessoa, com um narrador onisciente que proporciona uma visão completa, inclusive dos pensamentos das personagens. A técnica do discurso indireto livre confere uma sensação de intimidade e faz com que os leitores se identifiquem com os narrados como se estivessem contando suas próprias histórias. A iminência da perda se manifesta na luta constante contra a seca e a pobreza. A escrita seca e precisa retrata a relação complexa entre os personagens e a terra árida que simultaneamente os sustenta e os ameaça.

Essa análise revela a maestria do autor em capturar a essência humana diante da adversidade. Em *Angústia*, a perda se reflete no desequilíbrio emocional e moral de um homem, enquanto em *Vidas Secas*, se mostra como uma batalha incessante contra condições naturais e sociais adversas. Com uma escrita desprovida de artifícios, o autor nos confronta com a constante iminência da perda na vida humana e nos convida a encarar essa realidade de frente.

Além de sua habilidade técnica, o autor nos presenteia com uma reflexão sobre nossa própria existência. Sua escrita nos faz ponderar sobre o que significa viver à beira do abismo, seja ele emocional, moral ou físico. Através de personagens profundamente humanos, somos levados a reconhecer que a iminência da perda é uma constante na jornada humana e que nossa resposta a essa inevitabilidade molda nosso caráter e nossa trajetória. Suas obras, verdadeiros espelhos da condição humana, incitam uma profunda reflexão.

A história da família de retirantes, liderada por Fabiano e Sinhá Vitória, reflete as agruras enfrentadas no sertão nordestino. Cada membro é um espelho das dificuldades sociais, representando a busca pela dignidade e resistência à desumanização. A relação entre os personagens e o ambiente árido revela a essência da condição humana frente às adversidades.

O cenário árido é utilizado como metáfora para a desumanização da sociedade, explorando não apenas a secura física, mas também a aridez espiritual. A construção narrativa aparentemente simples revela, na verdade, a profundidade das emoções e das condições sociais, escondendo camadas de significado e simbolismo.

A técnica do autor não se limita à profundidade psicológica e social; cada elemento narrativo é hábil na construção de um tapete literário que revela múltiplas interpretações.

Cada palavra e cena contribuem para uma tessitura meticulosa, onde a linguagem é uma ferramenta precisa e evocativa nas mãos deste mestre literário.

As construções narrativas de Graciliano Ramos são verdadeiras obras de arte; ele não apenas conta histórias, mas esculpe mundos, mergulha nas almas dos personagens e retrata as complexidades da condição humana. Sua prosa rica transcende as eras e continua a fascinar leitores e estudiosos, celebrando a grandiosidade dessas construções narrativas que o consagram como ícone da literatura brasileira.

Ao examinarmos as obras *Angústia* e *Vidas Secas*, podemos perceber a magistralidade com que o autor tece as tramas das narrativas e explora não apenas as experiências individuais de seus personagens, mas também a complexidade e a amplitude da experiência humana em um contexto social mais amplo.

Como disse Candido, “O grande escritor é justamente aquele que é capaz de dar expressão adequada à experiência total da humanidade em seu tempo, e não apenas ao seu próprio temperamento ou aos aspectos mais imediatos da realidade” (Candido, 1977). De acordo com o autor, um escritor de destaque não se limita a refletir sua realidade, mas sim a capturar a complexidade da condição humana dentro de um contexto mais abrangente. A literatura, como forma de arte, tem o poder de transcender fronteiras temporais e geográficas, além de possibilitar às pessoas se conectarem com diferentes culturas e períodos históricos.

Ramos transcende as fronteiras do individual ao adentrar nos dilemas sociais, na luta pela dignidade, na resistência à desumanização e na representação das adversidades do sertão nordestino. Sua genialidade narrativa não se limita a meros relatos, mas espelha as profundezas da condição humana e social, além de lançar um olhar penetrante sobre a realidade de seu tempo, que ecoa até os dias atuais, e captura a essência universal das lutas e sonhos da humanidade.

2.1 Desespero Individual em Angústia

Angústia não apenas se destaca como uma obra que atravessa as fronteiras da literatura, mas também apresenta um texto que profundamente investiga o âmbito ficcional do "humano" (Faria, 1995). Desse modo, enriquece a percepção daqueles que se aventuram

em sua leitura e desperta sensibilidade e interesse em participar, de alguma maneira, desse envolvente processo de leitura e interpretação.

Neste sentido, *Angústia* é um mergulho intrínseco na psique do protagonista, Luís da Silva, que se encontra imerso em um estado de constante conflito e desespero. A narrativa apresenta um retrato visceral do desespero individual, pois que revela as complexidades da mente humana em um contexto de angústia existencial.

A jornada de Luís é uma exploração detalhada de sua luta interior, uma batalha constante entre suas aspirações, frustrações e a realidade que o cerca. A escrita meticulosa de Graciliano Ramos oferece uma perspectiva única sobre o mundo interior do personagem e mergulha nos meandros de suas emoções tumultuadas e de suas reflexões intensas.

O desespero de Luís é multifacetado; é a manifestação de sua incapacidade de se adequar às expectativas sociais, a sensação de alienação em relação ao mundo ao seu redor e a angústia resultante das próprias contradições internas. A medida que a narrativa avança, somos confrontados com as profundezas do desespero existencial de Luís, cuja busca por significado e identidade se desenrola em um contexto de isolamento e desilusão.

A expressão literária da angústia é costurada pelas experiências narradas pela personagem Luís da Silva, com o reavivamento de memórias tristes e dolorosas de sua infância. Episódios como o afogamento, o estrangulamento de seu Evaristo e o de Julião ao final do romance destacam-se como elementos marcantes. O trecho a seguir ilustra o episódio do afogamento:

O poço da pedra era uma piscina enorme. Antes de entrar nela, o Ipanema tinha dois metros de largura e arrastava-me debaixo dos garranchos de algumas quixabeiras sem folhas. Quando eu ainda não sabia nadar, meu pai me levava para ali, segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura. Com o correr do tempo aprendi natação com os bichos e librei-me disso. Mais tarde, na escola de mestre Antônio Justino, li a história de um pintor e de um cachorro que morria afogado. Pois para mim era no poço da Pedra que se dava o desastre. Sempre imaginei o pintor com a cara de Camilo Pereira da Silva, e o cachorro parecia-se comigo. Se eu pudesse fazer o mesmo com Marina, afogá-la devagar, trazendo-a para a superfície quando ela estivesse perdendo o fôlego, prolongar o suplício um dia inteiro (Ramos, 1976, p. 29).

A partir do fragmento mencionado, revela-se a intrincada teia de lembranças e associações na mente de Luís. O poço da Pedra, uma piscina colossal que um dia foi palco de sua iniciação na natação, também se torna o terreno fértil para uma dolorosa analogia. As memórias de seu pai, ensinando-o a nadar através de um método cruel, tornam-se entrelaçadas com a narrativa de um pintor e um cachorro que perecem afogados, uma história que ecoa profundamente em sua imaginação.

Essas lembranças, tingidas por um passado traumático, ganham novas formas na mente de Luís. A conexão entre a aflição de sua própria experiência e a fantasia de um destino semelhante para Marina, expressa de forma tão sombria e intensa, revela as profundezas de seu tormento interior. A imagem do pintor com a fisionomia de alguém conhecido e do cachorro assemelhado a si mesmo, funde-se com a figura de Marina, em que há mistura de sentimento de impotência, desejo e uma estranha forma de vingança idealizada.

Esse vívido paralelo entre o passado marcante e os anseios obscuros do presente desvenda a complexidade dos sentimentos de Luís. A dor transformada em fantasia, o desejo por controle e a necessidade de liberdade emocional entrelaçam-se nesse turbilhão de emoções e revelam a profundidade de sua afeição não correspondida e o peso de suas memórias tortuosas.

O estrangulamento desejado de Julião Tavares por Luís, como desfecho desse ciclo angustiante, não se traduz em uma sensação de plenitude ou liberdade para o protagonista. Pelo contrário, esse ato não resulta na superação, mas sim na confrontação com o vazio, conforme discutido por Heidegger (1969). Isso revela a angústia ou a experiência de abertura para o mundo, de modo que desvela o sentimento da perplexidade.

Ao longo de sua jornada, Luís teve escassas oportunidades para fazer suas próprias escolhas, aprisionado em uma vida determinada pelo trabalho público, limitado pelos destinos daqueles ao seu redor e pela pressão social, cada vez mais distante de sua própria essência. Além disso, enfrenta conflitos ao não conseguir formalizar um relacionamento com Marina e ao se sentir insatisfeito com seu trabalho. Essas frustrações evocam memórias de negligência e abandono de sua infância.

Luís da Silva se enxerga como alguém de pouco valor, um "pobre-diabo", resignado a uma existência insatisfatória. Ele se identifica com uma imagem que “acredita ser sua verdade, agindo em desacordo consigo mesmo” (Sartre, 1997).

Considerava-se um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. O aluguel da casa estava pago. Andava em todas as ruas sem precisar dobrar esquinas. Por uma diferença de dois votos, tinha deixado de ser eleito Secretário da Associação Alagoana de Imprensa. Quinhentos mil-réis de ordenado. Com alguns ganchos, embirava uns setecentos. Podia até casar. Casar ou amigar-se com uma criatura sensata, amante da ordem (Ramos, 1976, p. 50).

Nesse ponto crucial de sua história, Luís da Silva confronta-se não apenas com a sociedade ao seu redor, mas também com seus próprios demônios internos. A angústia latente, por tanto tempo reprimida, emerge como uma força motriz, e o desafia a questionar não só suas circunstâncias, mas também sua própria essência. A decisão de cometer um ato tão extremo serve como um ponto de virada, em que desencadeia um mergulho profundo em sua psique, onde a busca por identidade e significado se entrelaça com uma luta interna por redenção ou, talvez, por uma compreensão mais profunda de sua humanidade. É nesse confronto entre a raiva e o desespero que Luís da Silva se vê diante de um caminho desconhecido, onde a busca por seu lugar no mundo se torna uma jornada intrincada de autodescoberta e reconciliação consigo mesmo.

A angústia primordial que assola a personagem e desencadeia outros estados de angústia é uma realidade psicológica decorrente da liberdade. Após um longo período resignado a uma condição que o aprisionava simbolicamente, Luís vislumbra brevemente a chance de se tornar livre, principalmente com o casamento planejado com Marina. Contudo, seu desejo de conquistar algum status nessa sociedade patriarcal é frustrado com a chegada de Julião Tavares, que não apenas lhe rouba a amante, futura esposa, mas também desmantela a pretensa ordem que Luís havia estabelecido para si mesmo, minando sua dignidade.

O plano meticuloso que elaborara para escapar de sua condição torna-se fútil, uma constatação repetida diversas vezes na narrativa. No entanto, a angústia experimentada por Luís da Silva revela facetas de si mesmo que ele reluta em confrontar, refletindo-se na auto depreciação, nas palavras carregadas de insultos e autocomiseração, além das dores e

lembranças de um passado doloroso, um conjunto de experiências das quais ele faz questão de se recordar.

Graciliano Ramos emprega uma linguagem penetrante e introspectiva para transmitir a agonia psicológica de Luís, em que pinta um retrato impactante das dimensões mais sombrias da experiência humana. A alienação, a solidão e a desconexão emocional tornam-se elementos centrais e contribuem para a construção de um retrato autêntico e penetrante do desespero individual.

Ao longo da obra, a narrativa em primeira pessoa permite ao leitor adentrar profundamente na mente do protagonista, com o testemunho de seu sofrimento íntimo e suas lutas internas. A experiência de Luís, marcada por uma espiral descendente de desespero, oferece uma reflexão profunda sobre a fragilidade da condição humana e as complexidades das batalhas interiores que cada indivíduo enfrenta.

Dessa forma, *Angústia* não apenas revela o desespero individual de Luís da Silva, mas também convida os leitores a refletirem sobre as questões universais da existência, o significado da identidade e as lutas emocionais que permeiam a experiência humana. A genialidade de Graciliano Ramos reside na habilidade de retratar essas profundezas da alma humana de maneira genuína e envolvente, de forma a tornar *Angústia* uma obra atemporal que continua a ressoar com os leitores pela sua representação autêntica do desespero individual e suas complexidades.

2.2 Aridez Coletiva em *Vidas Secas*

A aridez coletiva em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, não se restringe à ausência de chuva, mas permeia cada aspecto da narrativa, desde a paisagem ressecada até a condição desoladora dos personagens. O sertão árido e implacável, descrito magistralmente por Ramos, não é apenas pano de fundo, mas um personagem vivo na história, em que influencia e molda as vidas da família de Fabiano.

A descrição da paisagem árida transcende o mero cenário físico e se torna um espelho da vida dos personagens. Ramos habilmente personifica a secura do ambiente, e utiliza-a como metáfora para a aspereza da existência dos protagonistas. A citação "O sertão era isto:

árvores retorcidas, pedras, areia e sede" exemplifica a crueldade da natureza e sua relação com a privação e a escassez que assolam os personagens.

De acordo com Candido (2006), a relação entre a paisagem árida e a falta de humanidade é crucial em *Vidas Secas*. Ele argumenta que a seca não apenas molda o ambiente físico dos personagens, mas também influencia profundamente suas interações e sentimentos. A família de Fabiano é afetada não apenas pela escassez de recursos, mas também pela aridez emocional e relacional, pois simboliza a desumanização e a alienação social. Essa condição extrema reflete não apenas a ausência de elementos básicos para a sobrevivência, mas também a falta de calor humano e conexões interpessoais, o que amplia a desolação do ambiente árido para a esfera emocional e social dos personagens.

Outro teórico relevante, como Fanon (1968), exploraria a desumanização como um resultado do colonialismo e da opressão. Sua teoria sobre a alienação social e a negação da humanidade dos colonizados encontra paralelos na condição dos personagens de *Vidas Secas*, que são privados de recursos básicos e tratados como seres inferiores.

Os membros da família de Fabiano são retratados como seres moldados pela aridez do sertão. Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos e o cachorro Baleia vivenciam a luta diária pela sobrevivência, em um ambiente hostil que exige a supressão das emoções para enfrentar a adversidade. A seca não apenas afeta suas condições materiais, mas também sua psique e conexões emocionais, o que implica uma existência árida e desprovida de esperança.

No início de *Vidas Secas*, quando a família chega à fazenda, a cachorrinha Baleia rapidamente parte para caçar um suculento preá para a refeição de todos. Enquanto qualquer outro cachorro poderia caçar para seu próprio benefício e comer o animal imediatamente, Baleia age de forma diferente. Ela mata o preá e o leva de volta para a família, uma demonstração de essencialidade para a sobrevivência de todos.

Sua atitude revela um vínculo extraordinário entre a cachorrinha e a família, uma lealdade e empatia que vão além do instinto animal. É nesse gesto simples, porém carregado de significado, que se evidencia a profunda conexão entre Baleia e aqueles que dependem uns dos outros para enfrentar a árdua realidade do sertão. Essa demonstração de solidariedade não verbalizada ressalta a importância dos laços afetivos na luta pela

sobrevivência e evidencia a essência da união familiar em meio à adversidade implacável do ambiente árido.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos descreve paisagens que são mais do que meros cenários; elas se tornam elementos essenciais na narrativa, além de refletir a condição árida e desolada dos personagens. Uma das paisagens mais marcantes é a vivência da família de Fabiano no sertão nordestino, onde a seca é uma presença constante.

No trecho a seguir, podemos observar que a descrição da paisagem é bastante detalhada e contributiva na criação de uma atmosfera de desolação e sofrimento.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (Ramos, 2005).

A descrição do sertão, com sua terra ressecada, árvores retorcidas e ausência de água, é um retrato vívido da paisagem inóspita e implacável que define a vida dos personagens. A falta de recursos naturais e a escassez de chuva moldam não apenas o ambiente físico, mas também a mentalidade e as ações da família.

A cachorra Baleia também representa uma paisagem peculiar na obra. Ela é uma personagem simbólica que, assim como a terra seca, carrega consigo as marcas da adversidade. A narrativa de Baleia é uma mistura de lealdade e submissão, onde sua existência se entrelaça com a família, de forma a tornar-se um reflexo da própria condição dos personagens humanos diante da hostilidade do sertão.

A relação entre Baleia e a família de Fabiano mostra a complexidade das relações interpessoais em um ambiente tão árido. Ela é tanto uma companheira leal quanto uma criatura subjugada pelas circunstâncias adversas, e representa a luta pela sobrevivência em um espaço hostil e desprovido de compaixão.

Essas paisagens, juntamente à imagem da cachorra Baleia, contribuem para a construção de um retrato multifacetado do sertão nordestino e de como a aridez não se limita apenas ao ambiente físico, mas também influencia as relações entre os personagens e a sua

própria humanidade. Esses elementos criam uma atmosfera densa e simbólica, em que se destaca a luta constante pela vida e a dignidade em meio à implacável seca do sertão.

A morte da Baleia ressoa como um evento que transcende o fim da vida de um animal. É um momento carregado de simbolismo, onde a perda da cachorra ecoa a luta da família pela sobrevivência em um ambiente tão hostil. Quando Fabiano, ao olhar para seus filhos, esposa e a bagagem pesada, lembra-se da Baleia, é como se uma onda de consciência atravessasse sua espinha. O sorriso desaparece, dando lugar a uma reflexão sobre a fragilidade da existência em um cenário tão impiedoso.

Essa passagem evidencia não apenas a conexão emocional entre Fabiano e a cachorra, mas também a complexidade das emoções humanas diante da adversidade. O arrepio na espinha e o desaparecimento do sorriso revelam um momento de introspecção e consciência, onde a lembrança da Baleia traz à tona a dura realidade da vida no sertão. É um momento de perda que ressoa não apenas como a morte de um animal, mas como um lembrete da constante luta pela vida e dignidade em um ambiente implacável e desolado.

É notável como um gesto simples, o menino roendo ossos, desencadeia a lembrança de Baleia em Fabiano. A cadela é lembrada porque ao longo da narrativa ela se alimenta de ossos, mesmo após sua morte, sendo associada a um "céu de ossos". Ao focar seu olhar nesse momento singular do menino, a tristeza pela perda da cachorra ressurgem em Fabiano, o que faz apagar o riso que antes marcava seu rosto.

Vidas Secas se destaca das outras obras de Graciliano, pois neste romance o autor não apenas cria uma personagem protagonista para representar o sertanejo ao mundo, mas desenvolve uma família e sua cachorra como elementos centrais. A riqueza da obra está em perceber que cada um dos personagens, à sua maneira, encarna a imagem do homem sertanejo. Seja mulher, criança ou até mesmo o animal de estimação, cada um revela a humanidade e a realidade do sertão que Graciliano desejava retratar através de seus protagonistas.

3 Conclusão

Ao entrelaçar as narrativas de *Angústia* e *Vidas Secas*, Graciliano Ramos esculpe um retrato multifacetado da condição humana, onde a angústia individual se mescla à aridez coletiva do sertão nordestino. Essas obras transcenderam o tempo e o espaço, pois atuam como espelhos refletores não apenas de realidades específicas, mas da essência universal das emoções humanas. Ramos, ao adentrar nos recônditos da mente de Luís da Silva e na jornada da família de Fabiano, não apenas revela as profundezas da psique humana, mas também lança luz sobre as duras realidades sociais e emocionais de um Brasil marcado por adversidades.

A genialidade de Graciliano Ramos reside na sua capacidade de pintar os retratos mais sombrios da alma humana, sem perder de vista a humanidade latente em cada personagem. Em *Angústia*, ele nos guia pelas trilhas da desesperança individual e navega pelas complexidades psicológicas de Luís da Silva, um protagonista imerso em um turbilhão de conflitos interiores. Em paralelo, *Vidas Secas* lança luz sobre a secura implacável do sertão nordestino, onde cada membro da família de Fabiano representa não apenas um indivíduo, mas uma metáfora viva da desumanização e da luta pela sobrevivência em um ambiente hostil.

Angústia e *Vidas Secas* permanecem como testemunhas literárias da iminência da perda e da resiliência do espírito humano diante das adversidades. Ramos nos presenteou com uma herança literária que continua a ressoar em nossas almas, pois incita-nos a refletir não apenas sobre nossas próprias vidas, mas também sobre as perdas que enfrentamos, sejam elas grandes ou pequenas. Suas obras continuam a desafiar e inspirar leitores, além de mostrar que a literatura pode ser um espelho revelador de nossa própria humanidade.

4 Referências

CANDIDO, Antonio. **O escritor e sua responsabilidade**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1977. pp. 13-27.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARIA, Octavio. **Graciliano Ramos e o sentido do humano**. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** Trad. Ernildo Stein. Revisão de José Geraldo Nogueira Moutinho. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 1. ed. São Paulo: Martins, 1976. 250 p.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução e notas de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.